

VIVÊNCIAS COM A NATUREZA: EXPERIMENTANDO UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Derli Juliano Neuenfeldt¹

Anderson de Lima²

Resumo: Este estudo tem como objetivos propor vivências com a natureza a alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Arvorezinha/RS e analisar os significados dessa experiência. Além disso, verifica-se se a escola analisada vem utilizando a natureza, por meio dos pontos turísticos do município, como possibilidades de educar ambientalmente seus alunos. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, e para a aplicação da vivências utilizou-se o Método Aprendizado Sequencial (CORNELL, 2008a). Foram realizadas três vivências com a natureza, uma entrevista com a direção da escola, questionários com 17 alunos participantes e diários de campo para registro das práticas. Constatou-se que a escola visita, anualmente, ambientes naturais e trabalha o tema transversal Meio Ambiente em forma de projetos, porém, a principal promotora dessas atividades é a disciplina de Ciências. Em relação aos significados das vivências, surgiram sentimentos de alegria, felicidade, diversão e medo.

Palavras-chave: Vivências. Natureza. Anos finais do Ensino Fundamental. Educação Ambiental.

EXPERIENCES WITH NATURE: EXPERIENCING A PROPOSAL OF ENVIRONMENTAL EDUCATION WITH STUDENTS OF THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT: The study aimed to propose experiences with nature to the students of the Final years of Elementary School of a state school in the city of Arvorezinha/RS and analyze the meanings of this experience. Moreover, it was the study of the school is using nature, through the city's sights, as possibilities of environmentally educating their students. This research is characterized as qualitative

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES/Brasil. Professor e Coordenador do Curso de Educação Física – Licenciatura do Centro Universitário UNIVATES/Brasil.

2 Graduado em Educação Física – Licenciatura pelo Centro Universitário UNIVATES.

and for applying of the experiences we used the method for Sequential Learning Environmental Education (CORNELL, 2008a). Three experiences were held with nature, an interview with the school board, questionnaires with 17 students participating and field diaries to record practices. It was found the school visit annually natural environments and work the cross-cutting theme Environment in the form of projects, however the main promoter of these is the discipline of Sciences. Regarding the meanings of experiences emerged feelings of joy, happiness, fun and fear.

Keywords: Experiences. Nature. Final years of Elementary School. Environmental Education.

INTRODUÇÃO

Vive-se um tempo em que graves problemas ambientais e o desrespeito em relação ao meio ambiente estão em evidência. Mudanças de atitudes do homem frente à natureza, para o bem-estar de todos que habitam o planeta Terra, são necessárias.

Para que essas mudanças aconteçam, Carvalho (2005) aponta para a necessidade do surgimento de um sujeito ecológico que se preocupe e enfrente os problemas éticos e estéticos da sociedade. Esse sujeito, de acordo com a autora, precisa estabelecer uma relação com a natureza para além da visão utilitarista, predatória e antropocêntrica, marcas da sociedade moderna, rumo a uma perspectiva na qual o homem se reconheça como parte da natureza, assim como as diferenças e particularidades do outro.

Nesse sentido, faz-se necessário educar para a vida e para a relação harmônica com o meio em que se vive. A escola, como local destinado à educação, tem papel fundamental na formação de cidadãos que consigam estabelecer relação de simbiose com a natureza, rompendo a cisão “homem/natureza” estabelecida na modernidade. Além disso, é necessário propor metodologias para a educação ambiental (BARCELOS, 2012) que provoquem inquietações. Não bastam apenas processos de conscientização, há de se reconhecer o corpo como lugar em que a educação ambiental pode frutificar.

Esta pesquisa, preocupada com a abordagem do tema transversal Meio Ambiente (BRASIL, 1997) apresenta-se a experimentação de uma proposta de educação ambiental que utilizou vivências com a natureza como forma de promover a aproximação de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de espaços naturais de seu município de residência, no caso Arvorezinha no Rio Grande do Sul/Brasil.

Quando se fala em “experimentar”, fundamenta-se na compreensão de Larrosa (2002), para quem a palavra “experiência” distancia-se do entendimento de experimento da ciência moderna e a aproxima do latim *experiri*, que contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo. Antes de qualquer coisa, é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta.

A cidade escolhida, Arvorezinha, é conhecida pelas riquezas naturais que possui. O Parque das Araucárias, o Caminho das Bromélias, o Perau de Janeiro e o Perau do Facão são pontos turísticos que se localizam em áreas rurais, ricos pela

sua biodiversidade, quedas d'água, trilhas e lindas paisagens (PORTAL, 2015). São lugares em que as escolas do município podem trabalhar o tema transversal Meio Ambiente. Darido (2012) menciona que o meio ambiente, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997; 1998), está incluído como tema transversal a ser trabalhado pelas disciplinas escolares.

Ao se problematizar a relação homem-natureza buscou-se neste estudo uma proposta de educação ambiental viável para o contexto escolar e que valorizasse o lugar no qual os alunos vivem. Logo, os pontos turísticos citados são “lugares” possíveis de se propor atividades com o propósito de educar ambientalmente e fazer aproximação com o contexto escolar. Esses lugares fazem parte do cotidiano dos alunos. O sentido de lugar, de acordo com Tuan (2011), é adquirido após um período de tempo, que não pode ser definido, mas quanto mais tempo se permanece em determinada localidade, melhor se conhece, mais significativa ela se torna para quem nela está.

Na procura por uma proposta de educação ambiental que considerasse a natureza educadora, que a visse como parceira, encontrou-se o Método Aprendizado Sequencial (CORNELL, 2008a). A maior relevância desse método é que ele visa a tornar as pessoas mais interessadas e receptivas a discussões que envolvem temas ambientais, auxiliando-as a apreciarem a natureza a partir de atividades lúdicas e da educação dos sentidos corporais.

Logo, no presente estudo, foram propostas vivências com a natureza a alunos dos anos finais de uma escola estadual do município de Arvorezinha/RS e analisaram-se o(s) significado(s) em relação à educação ambiental. Além disso, investigou-se se a escola do estudo vem utilizando a natureza, por meio dos pontos turísticos do município de Arvorezinha/RS, como possibilidade de educar ambientalmente seus alunos.

Esse trabalho, portanto, vai além de conhecer o que já está sendo feito nas escolas em relação ao tema transversal Meio Ambiente. Lança-se ao novo, propondo-se estratégias de ensino para a educação ambiental. Entende-se que em um tempo no qual são necessárias mudanças de atitudes, vivências com a natureza podem contribuir para ter êxito nesse objetivo. Espera-se que este estudo possa auxiliar educadores a vislumbrarem ações de educação ambiental valorizando o ambiente em que os alunos vivem e reconhecendo o corpo como lugar possível para a educação ambiental.

Distanciamento do ser humano e o meio ambiente

A manutenção e a continuidade da vida, de acordo com Silva e Figueiredo (2011), são ameaçadas pela forma como o ser humano tem se relacionado com a natureza. Oliveira e Vargas (2009) também apontam que são múltiplos os impactos ambientais provocados pelo homem.

Para Silva e Figueiredo (2011), o atual desrespeito à natureza e sua destruição são o resultado de uma história de preponderância do homem frente à natureza,

marcada pelo predomínio do modelo econômico que acreditou que as riquezas naturais nunca teriam fim e, com esse olhar, não pensou nas gerações futuras. Destruía-se, apossava-se das terras sem nenhum planejamento e utilizavam-se os recursos naturais abusivamente.

Pasqualetto e Mello (2007) observam que dois fatores que causaram o distanciamento entre homem-natureza, próprio da Idade Moderna, foram o desenvolvimento das indústrias e o aumento da população em cidades. Para esses autores, esse fenômeno fez com que o homem não se sentisse mais parte da natureza.

Em outras palavras, o homem passou a conceber a natureza como objeto de estudo. Ele desligou-se do meio natural e passou a entender a si próprio como algo diferente da natureza. Esse posicionamento é determinante na crise ambiental instaurada, que, para Grün (2011), está ligada à construção de um sujeito, na Idade Moderna, que colocou o homem no centro do universo. A partir dessa concepção antropocêntrica, de dominador da natureza, o homem se pôs fora dela, passando a explorá-la como fonte inesgotável de recursos em prol de um almejado progresso econômico, que está muito longe de ser considerado universal.

O mais preocupante dentre todos esses problemas, de acordo com Pasqualetto e Mello (2009), refere-se ao fato de o ser humano considerar normal o desenvolvimento ou o progresso às custas da destruição dos bens naturais, sem olhar para o futuro, tendo apenas visão financeira do hoje e sem pensar na sobrevivência de sua própria espécie. Com o advento do modernismo, os homens passaram a reconhecer-se como senhores e possuidores da natureza.

Apenas a partir de 1960 as preocupações ambientais ganham destaque em âmbito mundial. “Após a Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir da década de 1960, intensificou-se a percepção de que a humanidade caminha aceleradamente para o esgotamento ou inviabilidade de recursos indispensáveis à sua própria sobrevivência” (BRASIL, 1997, p. 20).

Mundialmente, conforme Guimarães (2011), a questão ambiental ganhou repercussão com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo (Suécia), em 1972. Em 1975, ocorreu em Belgrado (Sérvia) o Seminário Internacional sobre Educação Ambiental. Na América Latina, os encontros aconteceram, em 1976, em Chosica (Peru) e em Bogotá (Colômbia). Em 1977, a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), organizou a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação para o Ambiente, em Tbilisi, na Geórgia (ex-URSS). E, assim, sucessivamente, vários eventos ocorreram nas décadas seguintes dando destaque à questão ambiental, tendo no Brasil a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, conhecida como Rio-92 (GRÜN, 2011; GUIMARÃES, 2011), e a Rio + 20, ocorrida novamente no Rio de Janeiro, em 2012, com o objetivo de discutir a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável.

Para além das conferências, percebe-se, também, um movimento de ambientalistas que propõem, a partir de vivências com a natureza, a sensibilização do homem moderno frente à crise ambiental que se vive, acreditando-se que esse contato pode contribuir para estabelecer uma relação de parceria, rompendo com a visão da natureza como objeto. A seguir apresenta-se uma das propostas.

Educação ambiental e vivências com a natureza: conhecendo o Método Aprendizado Sequencial

O Método Aprendizado Sequencial foi idealizado pelo americano Joseph Cornell. A proposta passou a ser divulgada pelo mundo a partir da publicação da obra *Sharing Nature with Children*, em 1979. O livro foi traduzido para o português com o título “Vivências com a Natureza”. O propósito por trás do divertir-se por meio de jogos e brincadeiras com a Natureza é entrar em contato com dimensões mais sutis da natureza humana e abrir portas para a reconciliação do homem com ambientes naturais (MENDONÇA, 2005). A mesma autora afirma que:

O potencial revolucionário da proposta da *Sharing Nature* está justamente no fato de conduzir as pessoas a um contato amoroso com a Natureza, intensificá-lo e ampliá-lo a cada prática, de modo a criar alicerces em nossa experiência, ou seja, em nosso corpo e em nossa alma, preparando-nos para mudanças que conduzem a uma coerência entre o que sentimos e o que fazemos (MENDONÇA, 2005, p. 14).

O método de Cornell (2008a; 2008b) busca facilitar o processo de interação homem-natureza, oferecendo momentos alegres e gratificantes em locais naturais. Procura-se ensinar por meio dos sentidos corporais a percepção das belezas do meio ambiente. A proposta segue quatro etapas. A primeira é denominada despertar o entusiasmo. Nela, propõem-se atividades alegres, lúdicas, criando-se um clima agradável entre os participantes e a natureza. A segunda visa a concentrar a atenção das pessoas, pois entende-se que sem ela não é possível perceber a natureza. A terceira fase refere-se à experiência direta, ou seja, exalta-se um dos sentidos corporais, possibilitando que as atividades sejam realizadas sem a interferência de pensamentos dispersivos. A última fase envolve o compartilhamento da inspiração. Esse é o momento em que acontece a troca de sentimentos. Nessa etapa a natureza deve elevar o espírito dos participantes.

Apesar de serem mencionadas quatro etapas, Cornell (2008b) diz que o método é flexível, podendo-se adequá-lo ao momento, utilizar as atividades que estão em seus livros e incluir outras. A maior relevância do método é tornar as pessoas mais interessadas e receptivas a discussões que envolvem temas ambientais, auxiliá-las a relaxarem, a divertirem-se e a apreciarem a natureza. Para despertar o entusiasmo profundo e duradouro pela natureza, é necessário dar condições para que as pessoas tenham suas próprias experiências. “O entusiasmo pela natureza está sempre fundamentado na experiência pessoal”, segundo Cornell (2008b, p. 60).

As obras de Cornell, de acordo com Neuenfeldt e Mazzarino (2014), trazem a importância de “sentir”, mais do que saber, a necessidade de as pessoas amarem

o mundo ao redor delas, ajudando-as a tornarem-se mais conscientes. Pode-se perceber que a proposta do Método Aprendizado Sequencial é ampliar nossa percepção buscando aproveitar a natureza para desenvolver experiências alegres e divertidas – para nós mesmos, assim como para crianças e para os seus amigos. Dessa forma, os jogos sugeridos visam a criar uma situação ou experiência na qual a natureza é a educadora.

Ao analisar o Método Aprendizado Sequencial, os autores acima destacam que ele toca em um aspecto extremamente importante, que é o contato direto com a natureza e o reconhecimento da experiência corporal como forma de aprender e apreender compreensões sobre a relação homem-natureza. O método também propõe que as pessoas tenham suas próprias experiências, o que reflete na formação pessoal de cada indivíduo.

Autores como Grün (2005) e Mazzarino, Munhoz e Keil (2012) têm apontado que há dificuldade de trabalhar com a educação ambiental nas escolas na medida em que o currículo se mantém como inspiração cartesiana. Assim sendo, a proposta de Cornell (2008a; 2008b) apresenta-se como uma alternativa metodológica que tem o corpo como o lugar onde ocorre o processo de aprendizagem.

Nessa mesma linha de pensamento acrescenta-se o pensamento de Gadotti (2005), que afirma que as pessoas não vão aprender a amar a Terra apenas lendo livros. Uma forma de isso acontecer é por meio da constante vivência com a natureza. Vale ressaltar que é possível gostar do que se conhece e, para conhecer, é preciso se aproximar e tornar-se íntimos.

Educação ambiental como tema transversal na escola

O contexto escolar também é um lugar de discussão e formação dos alunos frente à crise ambiental. No contexto brasileiro, o meio ambiente apareceu nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997 como tema transversal.

A origem dos temas transversais, de acordo com Darido (2012), no Brasil, inspirou-se na reforma curricular da Espanha, que elencou os temas educação ambiental, educação para saúde e sexual, educação para o trânsito, educação para a paz, educação para a igualdade de oportunidades, educação do consumidor e educação multicultural. Além disso, destacam um tema nuclear, a educação moral e cívica.

Com relação ao conceito dos “temas transversais”, Darido (2012), apresenta que ele consiste em problemas que a sociedade enfrenta e, dessa forma, encaminha às escolas para tematizá-los e discuti-los. No Brasil, encontram-se nos PCNs (BRASIL, 1997) os seguintes temas: ética, meio ambiente, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo.

Os PCNs (BRASIL, 1997) apresentam como desafio da escola e da educação para alunos do Ensino Fundamental formar cidadãos conscientes e comprometidos a ajudar e atuar na melhoria da realidade da natureza. Para tanto, os PCNs indicam que a escola deve fazer mais do que informar e trazer conceitos sobre o meio

ambiente, deve também trabalhar incentivando os alunos a terem atitudes, tornando-os estudantes ativos, com vistas à transformação da sociedade.

Para Oliveira (2007), a educação ambiental, portanto, foi incluída como tema transversal nas disciplinas escolares para procurar uma mudança de hábitos que auxiliem a diminuir impactos negativos no meio ambiente e, dessa forma, a melhorar a qualidade de vida.

No Ensino Fundamental, os PCNs trazem como um dos objetivos gerais que o aluno se perceba integrante, dependente e agente de transformação do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente (BRASIL, 1997).

A perspectiva ambiental, de acordo com os PCNs (BRASIL, 1997), auxilia o aluno a compreender problemas que afetam sua vida, a vida de sua comunidade, seu país e o planeta. Nesse sentido, as situações de ensino devem proporcionar oportunidades para que os alunos possam utilizar o conhecimento sobre o meio ambiente para compreender sua realidade e atuar nela. O estudante precisa compreender que as questões locais estão interligadas ao planeta como um todo.

Assim, há necessidade de um trabalho não linear e diversificado em relação às realidades e experiências, englobando o ambiente físico, suas condições sociais e culturais. A partir disso é que esta pesquisa propôs vivências com a natureza como caminho para a educação ambiental de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Método do estudo

Esta pesquisa³ é de cunho qualitativo. “A abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem o investigador a propor trabalhos que explorem novos focos” (GODOY, 1995, p. 23).

Enquanto característica, esta pesquisa é definida como estudo de caso, que, segundo Godoy (1995), tem o objetivo de pesquisar um ambiente ou um único sujeito ou uma situação em particular. Esse tipo de pesquisa proporciona vivências da realidade por intermédio de debates, analisando e procurando algumas soluções.

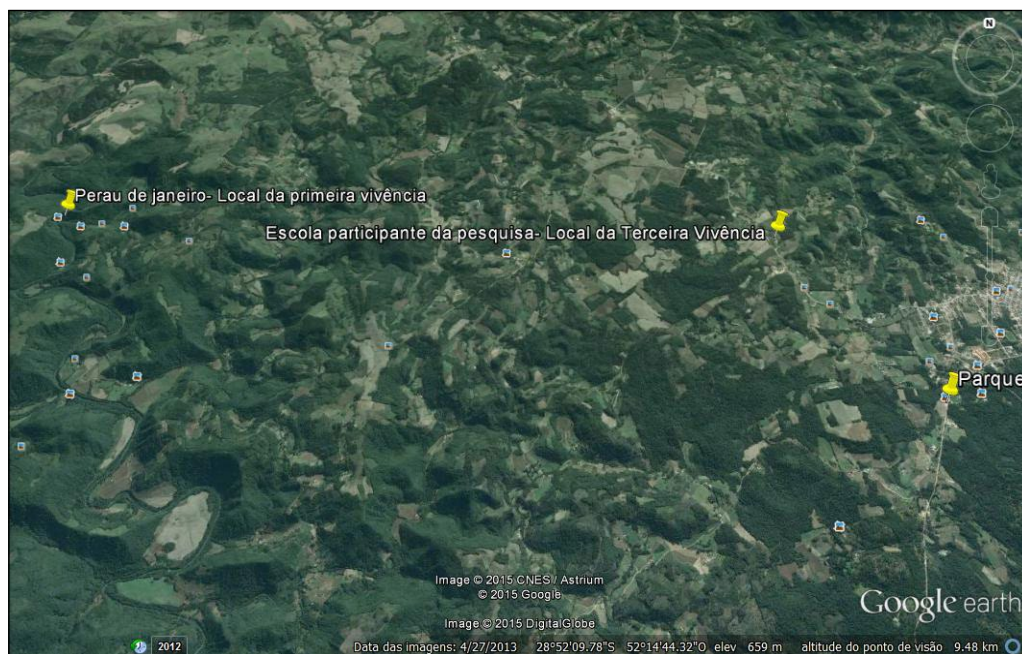
A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Ensino Fundamental do município de Arvorezinha/RS/BRA. A escola foi escolhida devido aos alunos serem do meio rural e conviverem com a natureza e pela disponibilidade da escola para a realização do estudo. Ela fica próxima a parques turísticos do município, o que possibilitou a realização de vivências com a natureza, assim como o questionamento sobre se esses espaços estão sendo utilizados para aproximar os alunos da natureza de forma a educá-los ambientalmente.

3 Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNIVATES em 01/08/2015. CAAE 46860615.2.0000.5310.

No primeiro semestre de 2015 foram feitas duas visitas à escola para reconhecimento e aproximação ao campo de estudo. Na primeira, solicitou-se autorização da direção para realizar a pesquisa. A segunda visita possibilitou conhecer melhor o contexto escolar. Definiu-se, em conjunto com a equipe diretiva, que a turma 81, do oitavo ano do Ensino Fundamental, a qual tinha 17 alunos, sendo oito meninos e nove meninas, seria a disponibilizada para serem aplicadas as vivências com a natureza. Também definiram-se os meses de setembro e outubro para o desenvolvimento das vivências, visando a não prejudicar a programação do calendário escolar.

As vivências foram realizadas nos dias 8 e 22 de setembro e 6 de outubro de 2015, em três espaços diferentes: no Perau de Janeiro, no Parque das Araucárias e no entorno do colégio (FIGURA 1). As atividades foram realizadas no turno da manhã, visto que era o turno regular de aula da turma escolhida. A duração de cada vivência foi de aproximadamente duas horas. As atividades propostas nortearam-se no Método Aprendizado Sequencial de Cornell (2008a, 2008b). As vivências foram conduzidas por um dos pesquisadores, que possui formação em Educação Física – licenciatura, e acompanhadas pelo professor titular de Educação Física da escola.

Figura 1- Mapa demonstrativo dos locais das vivências com a natureza



Fonte: Google Earth (2015).

Em relação aos instrumentos de coleta de informações, utilizaram-se registros fotográficos, entrevistas semiestruturadas, questionários e observações registradas em diários de campo.

Os registros em fotos são citados por Godoy (1995) como um material muito usado por pesquisadores que utilizam o estudo de caso, a fim de auxiliar na apresentação e contextualização do caso.

Além disso, entrevistou-se um integrante da equipe diretiva da escola para conhecer as atividades oferecidas aos alunos com o intuito de educar ambientalmente e saber se a escola os espaços e pontos turísticos para esse fim. Ainda, aplicou-se questionário aos alunos participantes do estudo antes das vivências, para verificar as atividades relacionadas ao meio ambiente promovidas pela escola, e outro após as vivências para compreender os significados delas para os estudantes. Os questionários foram validados quanto à clareza das questões aplicando-os a três alunos do mesmo nível de ensino, sendo eles de outra escola, mas não participantes da pesquisa. A partir das respostas foram feitos ajustes nas questões.

Todos os participantes do estudo (ou responsável) assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para manter o anonimato dos participantes, foi proposto que cada aluno escolhesse um codinome referente à natureza. Dessa forma, na análise das informações, foram utilizados os seguintes codinomes: Falcão, Guepardo, Leoa, Pônei, Tigrão Mexicano, Esquilo, Xereco, Leão, Serpente, Panda, Porca, Cascavel, Árvore, Gata, Papa-léguas, Arara e Cavallo. Para o entrevistado da equipe diretiva, o código usado foi membro da equipe diretiva.

A partir das respostas, foram elaboradas duas categorias de análise, que são apresentadas a seguir.

Meio ambiente e escola: a relação com os pontos turísticos de Arvorezinha e o trabalho com o tema transversal Meio Ambiente

Uma das questões do estudo foi identificar se a escola utilizava os pontos turísticos do município de Arvorezinha (Perau de Janeiro, Parque das Araucárias, Caminho das Bromélias) para trabalhar o tema transversal Meio Ambiente com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

O membro da equipe diretiva entrevistado comentou que a escola, anualmente, frequenta ambientes naturais e que já foram visitados todos os pontos turísticos do município. De acordo com ele, “A escola se preocupa em procurar espaços naturais para levar os alunos com o objetivo de aproximar eles à natureza. Normalmente, uma vez ao ano realizamos saídas de campo” (ENTREVISTA, 13/08/2015).

O entrevistado esclareceu que o Perau de Janeiro é um dos locais mais visitados, mas que também vão a outros locais, como o Sítio da Balca, que fica próximo da escola. “O Perau de Janeiro é um excelente local, pois é possível escutar os sons da natureza, fugindo do artificialismo das cidades. Os alunos estarem presentes é de extrema importância e não somente em fotos e em vídeos” (ENTREVISTA, 13/08/2015).

Considerando a ideia de aproximação do homem com a natureza, Oliveira e Vargas (2009) acreditam que é necessário resgatar e estimular novos sentidos

de percepção do ambiente, buscando a reintegração do homem com seu meio. Para isso, é preciso que se reaprenda a sentir a natureza, a percebê-la por meio dos sentidos em sua forma biológica mais natural, livrando-se dos filtros que a racionalidade moderna impõe.

Além das visitas aos pontos turísticos de Arvorezinha, identificou-se, também, que o tema transversal Meio Ambiente é trabalhado na escola por meio de projetos e em dias comemorativos, como o “Dia da Árvore” e a “Semana do Meio Ambiente”. Em relação ao envolvimento das disciplinas dos anos finais do Ensino Fundamental o membro da equipe diretiva e alunos participantes da pesquisa mencionaram que a disciplina de Ciências é a que mais trabalha com o tema, mas quando são realizados projetos, as outras disciplinas oferecidas na escola também se engajam. Um exemplo de ação desenvolvida é os “cuidados com o lixo” (ENTREVISTA, 13/08/2015). Os alunos relataram nos questionários tanto sobre os dias comemorativos como sobre as ações de cuidado com o ambiente escolar: “Em ciências, limpamos o pátio da escola” (SERPENTE); “Lembro-me no Dia Mundial da Árvore” (LEÃO).

De acordo com Mendonça e Neiman (2003), a proposta dos temas transversais refere-se a questões cadentes do mundo atual, que importam à vida do aluno. A ética, a orientação sexual, a saúde, o trabalho e o meio ambiente foram escolhidos pela sua importância na formação de indivíduos, possibilitando que eles compreendam a realidade, que sejam capazes de criticá-la, “numa tentativa de construir um futuro coletivo melhor diante dos desafios que lhes apresenta o mundo contemporâneo” (MENDONÇA; NEIMAN, 2003, p. 55). Para os autores, o tema meio ambiente precisa ser incorporado ao cotidiano escolar, mas não deve ser tratado apenas em datas comemorativas ou ser inserido burocraticamente como conteúdo das disciplinas apenas para atender a uma formalidade.

Percebeu-se que há ações promovidas pela escola relacionadas ao tema meio ambiente, mas estão centradas na disciplina de Ciências. Esse fato não é predominante apenas no Brasil. Ao se tomar como referência estudos do contexto europeu que tratam da implementação da educação ambiental nos currículos escolares, como os realizados na Polônia (GAJUS-LANKAMER, 2004), Espanha (CONDE; SÁNCHEZ, 2010) e Inglaterra (CHATZIFOTIOU, 2006), percebe-se que, da mesma forma que no Brasil, essa preocupação ocorre a partir de 1990. Outro aspecto em comum é a ideia de transversalidade, ou seja, que a responsabilidade pela abordagem do tema meio ambiente não fique restrita a uma disciplina ou área de conhecimento. No entanto, há disciplinas, como a Biologia, a Geografia e a Química, que se destacam nas ações educativas relacionadas a essa temática, incluindo, também, conteúdos relacionados ao meio ambiente na sua programação tradicional.

Barcelos (2012) comenta que na escola, em relação à educação ambiental, há algumas mentiras que se tornam verdades, e entre elas está o fato de o tema meio ambiente pertencer à área de Ciências. É necessário rever isso, pois não é essa a proposição quando se trata de temas transversais.

A partir disso, este estudo propôs-se a experimentar uma proposta de educação ambiental utilizando vivências com a natureza. A seguir, apresentam-se os significados delas para os alunos.

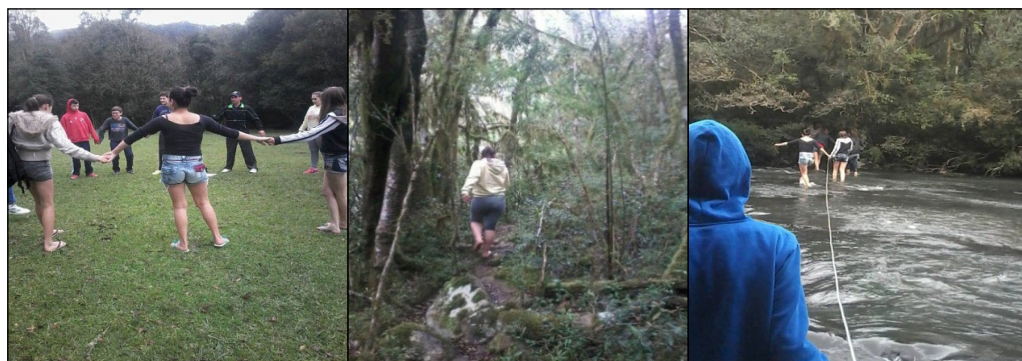
Vivências com a natureza: significados para os alunos

Realizaram-se três vivências com a natureza com 17 alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola do município de Arvorezinha. Elas ocorreram no Perau de Janeiro, que fica a aproximadamente 14 km da escola; no Parque das Araucárias, distante aproximadamente 3 km da escola; e na própria escola.

A primeira vivência com a natureza, no Perau de Janeiro, realizada no dia 8 de setembro de 2015, caracterizou-se por explorar os sentidos corporais visando a aproximar os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da natureza.

Os termos “sentido” e “percepções do corpo humano” são tratados por Pasqualetto e Mello (2007) como o tato, o olfato, o paladar, a audição e a visão, os quais podem ser explorados em trilhas e, dessa forma, os praticantes podem sentir e perceber melhor a natureza que habitam. Dessa forma, as oficinas oferecidas exigiram dos participantes a utilização da audição em momentos em que estavam vendados, da visão para poderem realizar a atividade “Trilha de encontros e descobertas”, do tato ao sentirem a água na travessia do Rio Forqueta e na trilha com os pés descalços (FIGURA 2).

Figura 2: Registros fotográficos da primeira vivência com a natureza



Fonte: dos autores.

A primeira atividade desenvolvida denomina-se “Morcego e mariposa” (CORNELL, 2008^a), caracterizada como uma atividade lúdica. Organizou-se um círculo. No seu centro, uma aluno ficou vendado sendo o morcego e mais três alunos, também vendados, foram as mariposas. O morcego deve capturar as mariposas guiando-se pelo som. Toda vez que o morcego diz “morcego”, as mariposas respondem “Mariposa”. Pela audição, o morcego deve procurar sua presa e a mariposa deve escapar. “Os participantes demonstraram empolgação

e alegria em realizar a atividade e os alunos que foram vendados relataram que sentiram medo” (DIÁRIO DE CAMPO, 08/09/2015).

A ansiedade dos alunos em iniciar a outra atividade, “Trilha de encontros e descobertas” (adaptação da Trilha do Conhecimento de Cornell, 2008b), em direção à Cachoeira do Perau de Janeiro, foi perceptível (DIÁRIO DE CAMPO, 08/09/2015). Durante a trilha, os participantes deveriam conversar o mínimo possível para poderem escutar sons, perceber a natureza em cada momento e, assim, registrar em um formulário (FIGURA 3) suas percepções. Nesse momento, os participantes se mostraram deslumbrados com as descobertas das belezas da natureza.

Figura 3 - Formulário da “Trilha de encontros e descobertas” preenchido pelo aluno com o codinome Esquilo

TRILHA DE ENCONTROS E DESCOBERTAS		CODINOME: Esquilo
O QUE PROCURAR?	DESCRIÇÃO	Algo sagrado
Algo que lembre você mesmo	Uma planta pequena sempre tentando evoluir	
Uma sincronidade	Água	
Um som que faça você sorrir	Sorulho de pássaros e água	
Um cheiro que você nunca sentiu antes	Um ar puro	
Algo em transformação	A floresta	
Algo que possa sentir com a pele	O vento	
Algo que possa degustar	Sinhão	
Algo sagrado	Perau	

Fonte: dos autores.

O abraço em árvores, a travessia do rio, a caminhada descalços e a contemplação da cachoeira foram as demais atividades realizadas nesse dia. A partir das atividades emergiram sensações de medo, alegria e paz. Alguns depoimentos dos alunos, nos questionários, ajudam a compreender os sentimentos durante as atividades: “Medo na hora de atravessar o rio e liberdade no mato” (PÔNEI); “Alegria quando estávamos na cachoeira do Perau de Janeiro” (GUEPARDO).

Segundo Xereco, um dos momentos marcantes no Perau de Janeiro foi quando estavam na beirada da cachoeira. Já para a aluna Cascavel, o sentimento de medo quando atravessaram o rio e a alegria em poder ver a mata e a cachoeira se sobressaíram. Para outros, o passeio e as visões foram especiais porque eles estavam em um local que antes não conheciam (DIÁRIO DE CAMPO, 08/09/2015).

A primeira vivência trouxe a aproximação com o que Larrosa (2002) caracteriza como experiência, que é o se lançar ao novo, ao desconhecido, trazendo para alguns alunos o sentimento de medo. Contudo, isso não inviabiliza que a ludicidade também se fizesse presente. A ludicidade se aproxima do comportamento

do gosto, do valor estético, da sensibilidade e da inconsistência das emoções, só sendo compreendida no seu acontecer. Conforme Santin (1996, p. 87), “O lúdico se parece a uma sinfonia: ela precisa ser executada para ser vivida [...]. O ato lúdico coloca-se na mesma esteira e, ainda, com uma grande diferença. Ele não precisa de partitura. Cada ato lúdico é novo e original, jamais repetido”.

Na segunda vivência com a natureza, realizada no dia 22 de setembro, no Parque das Araucárias, os sentidos foram novamente explorados por meio de atividades que exigiram concentração. A audição e a visão foram sentidos explorados nas atividades da “Centopeia”, do “Mapa dos sons” e na “Trilha de surpresas” (FIGURA 4).

Figura 4 - Registros fotográficos das atividades realizadas no Parque das Araucárias



Fonte: dos autores

A primeira atividade realizada nesse dia foi caminhar de olhos vendados em forma de centopeia (CORNELL, 2008a). O objetivo foi explorar a audição e o tato. Os alunos andaram entre a vegetação escutando os sons e tocando árvores.

Após realizou-se a atividade “Mapa dos sons” (CORNELL, 2008a), que consiste em ficar em silêncio, aguçar a audição e registrar todos os sons que se ouve, sendo o aluno o centro do mapa. No momento do compartilhamento da vivência, os alunos relataram ter ouvido sons de animais, do vento nas plantas, de seres humanos e de veículos. O participante Papa-léguas, quando questionado se houve algum momento marcante na vivência, citou “a atividade Mapa dos sons porque ficou em silêncio, próximo de um lago”, o que lhe trouxe tranquilidade e paz (DIÁRIO DE CAMPO, 22/09/2015).

Na terceira atividade realizada, “Trilha das surpresas” (CORNELL, 2008a), os participantes deveriam localizar objetos não naturais em uma trilha de plantas. Nessa atividade os alunos estavam engajados em localizar os objetos “não-naturais” e demonstraram muito interesse em acertar o número exato de objetos colocados na trilha, com muita preocupação de fazê-lo com agilidade (DIÁRIO DE CAMPO, 22/09/2015).

Essa preocupação em fazer de “forma rápida” a atividade conduz à reflexão sobre se isso não é um problema da sociedade contemporânea, dificultando as possibilidades de as pessoas sintonizarem-se com o meio em que vivem. De acordo com Duarte Júnior (2010), passa-se por uma crise de nossos sentidos, resultado do estilo moderno de viver que foi influenciado pelos valores da modernidade. O conhecimento racional se sobrepôs aos demais saberes. A razão instrumental afetou nossas relações com o meio e com a sociedade. Esse processo levou à crise ambiental decorrente da perda da sensibilidade sobre o que estava acontecendo no entorno. O autor defende a necessidade de uma educação do sensível, que ele denomina de educação estética, relativa à capacidade de o ser humano sentir a si mesmo e ao próprio mundo em um todo integrado.

Para isso, Duarte Júnior (2010) escreve que é preciso possibilitar às pessoas a descoberta de cores, formas, sabores, texturas, odores, educando o olhar, a audição, o tato, o paladar e o olfato. Isso pode ser feito pelo contato com obras de arte, da arte culinária, das paisagens e noites estreladas, das frutas colhidas e saboreadas “no pé”, das caminhadas por trilhas e bosques.

Os participantes dessa vivência com a natureza realizada no Parque das Araucárias comentaram no compartilhamento da inspiração que as atividades foram “legais” e citaram, novamente, algumas sensações, como a de medo quando estavam vendados, mas de forma geral eles se divertiram com a natureza, segundo relatos dos alunos nos questionários: “Gostei muito de ter ido no Parque das Araucárias, me diverti muito e aprendemos a sentir a natureza” (CASCAVEL); “Senti-me feliz e com um pouco de medo, pois nunca tinha ido a esses lugares” (PORCA).

Na terceira e última vivência oferecida aos alunos foram explorados ambientes naturais no entorno da escola analisada. As atividades visaram a explorar o tato e a audição, principalmente. Foram realizadas atividades com vendas e outras brincadeiras lúdicas (FIGURA 5).

Figura 5 - Registros fotográficos das atividades desenvolvidas no entorno da escola



Fonte: dos autores.

A primeira atividade denominou-se “Que animal sou eu?” (CORNELL, 2008a) e foi utilizada para despertar o entusiasmo. Os alunos fizeram um círculo e cada participante recebeu uma imagem de um animal, que foi colocada e, suas costas. Os demais deveriam responder às perguntas (Sou mamífero? Tenho penas?

Etc.), procurando ajudar o colega a adivinhar o nome de animal que havia recebido. Porém, as perguntas somente poderiam ser respondidas com “sim”, “não” ou “talvez”.

As outras atividades exploraram a atenção e a percepção dos sentidos. A atividade “Duplicação” (CORNELL, 2008a) exigiu que os alunos observassem por alguns segundos alguns objetos naturais (folhas, sementes etc.) antes de serem cobertos e, após, deveriam ir localizar no ambiente natural objetos semelhantes.

A atividade “Encontre sua árvore” (CORNELL, 2008A) consistiu em trabalhar em duplas, com um participante vendado e o outro não. O integrante da dupla sem a venda deve guiar o vendado até uma árvore. Esse teve que, a partir do toque, senti-la. Após, foi conduzido novamente ao local de início e, sem a venda, teve de procurar a árvore e identificá-la a partir do tato.

Com essa vivência, realizada no entorno da escola, percebeu-se que não é necessário ir para lugares distantes para proporcionar momentos diferentes com a natureza. Nesse caso, a própria escola possui um ambiente próximo e arborizado, que pode ser utilizado nas práticas (DIÁRIO DE CAMPO, 06/10/2015). Os alunos, no questionário, mencionaram a alegria de participar das atividades: “Na escola gostei das atividades, foi muito legal, demos muitas risadas” (GATA); “Gostei bastante das atividades e me diverti bastante” (PAPA-LÉGUAS); “Gostei muito de participar de todas as brincadeiras, conviver com o meio ambiente” (LEOA).

Ao final das três vivências com a natureza, pode-se dizer que os significados predominantes relacionam-se aos sentimentos de diversão, felicidade, liberdade, paz e medo. Os sentimentos de alegria, felicidade e diversão são explicados por Cornell (2008), que acredita que atividades lúdicas ao ar livre, em contato com o meio ambiente, contribuem para a compreensão da responsabilidade que a sociedade, como um todo, possui com relação aos problemas ambientais. Também Trajber (2008) acredita que quando se brinca com os sentidos e afetos, em momentos de vivências com o meio ambiente, desvendando as belezas e a fartura das diversidades, as pessoas se emocionam pelas belezas naturais, as quais proporcionam diferentes sentimentos, dentre eles a felicidade.

Pode-se perceber que as vivências realizadas marcaram de forma positiva os alunos e possivelmente ficarão em suas lembranças. As vivências para alguns tornaram-se experiências, possibilitando repensar a sua relação com a natureza. Como diz Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que se toca. Cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo quase nada nos acontece”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se, com este estudo, que a escola participante da pesquisa utiliza os pontos turísticos de Arvorezinha/RS (Parque das Araucárias, Perau de Janeiro, Caminho das Bromélias) para aproximar seus alunos da natureza.

Também evidenciou-se que nessa instituição de ensino se trabalha com o tema transversal Meio Ambiente por meio de projetos realizados, habitualmente, em dias comemorativos (Dia da Árvore, Semana do Meio Ambiente), predominando o envolvimento da disciplina de Ciências, que é a principal promotora dessas atividades, o que foi apontado tanto por alunos quanto pelo membro da equipe diretiva entrevistada.

Esta pesquisa propôs vivências com a natureza como forma de contribuir com a educação ambiental dos alunos, com o intuito de desacomodá-los, de provocar a inquietude, colocando o corpo como lugar central. As práticas corporais em ambientes naturais possibilitaram explorar os sentidos corporais de forma lúdica, sensitiva e reflexiva, emergindo sentimentos de alegria, felicidade, diversão, os quais são apoiados pelo Método Aprendizado Sequencial (CORNELL, 2008a, 2008b), que utiliza a ludicidade para educar ambientalmente. No entanto, o sentimento de medo também se fez presente, principalmente em relação ao novo, ao desconhecido e em situações em que a visão era inibida.

Em relação a Método Aprendizagem Sequencial, ele proporcionou aos envolvidos a possibilidade de sentir a natureza, desvendar a sua beleza em detalhes que não são percebidos nas atividades cotidianas, proporcionado aos participantes repensar a sua relação com a natureza e com as pessoas ao seu redor. Utilizar esse método na escola é uma forma de se oferecer educação ambiental aos alunos. No entanto, assim como o próprio idealizador diz, as etapas não são rígidas e cada professor deve adequá-lo ao seu contexto de ensino e ser o mediador desse processo.

O método, porém, também desafia os professores na medida em que há etapas que necessitam de silêncio e de busca de harmonia do aluno com o local em que as atividades acontecem. Isso nem sempre ocorreu. Essa dificuldade se manifestou principalmente após as atividades que despertavam o entusiasmo dos estudantes. Há de se questionar se a dificuldade de se concentrar é fruto de uma sociedade que vive de forma acelerada ou se diz respeito à particularidade desse grupo de alunos.

Para além dessa questão, a proposta dos temas transversais é que cada disciplina discuta o tema meio ambiente, mas um trabalho interdisciplinar com professores de outras áreas pode ser um caminho interessante. Não se quer com as vivências realizadas com os alunos desmerecer ou desvalorizar as ações realizadas por outras áreas de conhecimento. Buscou-se mostrar que há outras formas de sensibilizar os alunos e fazê-los repensar a sua relação com a natureza. A educação ambiental requer ações conjuntas, soma de esforços e o reconhecimento de que o corpo é lugar onde ela pode deixar de ser apenas mais um atividade e se tornar uma “experiência”.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental**: sobre princípios, metodologias e atitudes. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Meio Ambiente, saúde/secretaria da educação fundamental**. Brasília: MEC, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

CARVALHO, Isabel. Cristina. Moura. A invenção do sujeito ecológico: **Identidades e subjetividades na formação dos educadores ambientais**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a natureza 1**: guia de atividades para pais e educadores. 3 ed. São Paulo: Aquariana, 2008a.

_____. **Vivências com a natureza 2**: novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008b.

CHATZIFOTIOU, Athanasia. Environmental education, national curriculum and primary school teachers. Findings of a research study in England and possible implications upon education for sustainable development. **The Curriculum Journal**. V. 17, n. 4, dec., p. 367-381, 2006. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09585170601072478?journalCode=rcjo20#preview>> Acesso em: 15/03/2014.

CONDE, María del Carmen; Sánchez, J. Samuel. The school curriculum and environmental education: A school environmental audit experience **International Journal of Environmental & Science Education**. V. 5, n. 4, p. 477-494, oct., 2010. Disponível em: <<http://www.ijese.com/V5N4.htm>>. Acesso em: 28/02/2014

DARIDO, Suraya Cristina (Org). **Educação Física e temas transversais na escola**. Campinas: Papirus, 2012.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**. 5 ed. Curitiba: Criar Edições Ltda. 2010.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**. V. 6, p. 15-29. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n6/n6a02.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

GAJUS-LANKAMER, Ewa. Environmental Education at Polish Gymnasiums. **International Research in Geographical and Environmental Education**. V. 13, n. 3, p. 260-276, 2004. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10382040408668522#preview>>. Acesso em: 02/03/2014.

GODOY, Arilda Schimidt. Estudo qualitativo tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, V. 35 n.3 p. 20-29, jun. de 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em 30 mai. 2015.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

_____. Gadamer and the Otherness of Nature: Elements for an Environmental Education. **Human Studies**. V. 28, p. 157-171, junho de 2005. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10746-005-4190-6#page-1>>. Acesso em: 28/02/2014.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na Educação**. 11 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 19, jan./fev./mar./abr., p. 20-28, 2002.

MAZZARINO, Jane Marcia; MUNHOZ, Angélica Vier ; KEIL, Jaqueline Luciana . Currículo, Transversalidade e Sentidos em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Rio Grande. Vol. 7, p. 51-61, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br:8080/handle/1/4130>>. Acesso em: 04/05/2014.

MENDONÇA, Rita. Prefácio à edição brasileira. 2005. In.: CORNELL, J (a). **Vivências com a natureza 1**: guia de atividades para pais e educadores. 3 ed. São Paulo: Aquariana, 2008. p. 11-15.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. À sombra das árvores: transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse. São Paulo: Chronos, 2003.

NEUENFELDT, Derli Juliano; MAZZARINO, Jane Márcia. Share Nature: contribuições de uma proposta metodológica para a educação ambiental. Anais do VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Matinhos, PR. 25 a 27 de setembro, 2014. p. 01-07. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/viewFile/5884/3136>>. Acesso em: 15 05 2016.

OLIVEIRA, Thaisa, VARGAS, Iclécia. Vivências Integradas a Natureza: Por uma educação ambiental. Goiás. **Revista eletrônica do mestrado em Educação ambiental**. V. 22, p 1-26, 2009.

PASQUALETTO, Antônio; MELLO, Emer Lucas. Trilhas sensitivas no memorial do cerrado da Universidade Católica de Goiás. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Goiás. V. 18, jan./jun. p 1-11, 2007.

PORTAL. Prefeitura Municipal de Arvorezinha. Disponível em <<http://www.arvorezinhars.com.br/site/turismo.php>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

SANTIN, Silvino. **Educação Física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 2 ed. Porto Alegre: Edições EST/ESEF – UFRGS. 1996.

SILVA, Luciana de Oliveira; FIGUEIREDO, Luiz Alfonso de Vaz. Racionalidades e sensibilidades em trilhas interpretativos-perspectivas promovendo ações formativas de educação ambiental na vila de Paranapiacaba. São Paulo. **Revista brasileira de ecoturismo**. São Paulo, v.4, n.1, p. 25-58. 2011.

TRAJBER, Rachel. Prefácio a edição brasileira. São Paulo: Aquariana, 2008. In. CORNELL, Joseph. **Vivências com a natureza**: novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, Pag. 8-11. 2008.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**. Niterói. V. 01, n. 1, Inverno, p. 04-15, 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/1>>. Acesso em: 15/08/2015.

Artigo recebido em 25/05/2016. Aceito em 28/07/2016.